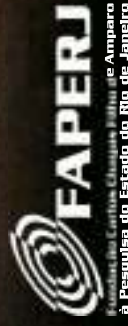


**Editores:**

**Luís Cancela da Fonseca  
Ana Catarina Garcia  
Silvia Dias Pereira  
Maria Antonieta C. Rodrigues**

**Entre Rios e Mares: um Património de Ambientes, História e Saberes**  
TOMO V DA REDE BRASPOR



**INSERIR  
CODIGO  
DE BARRAS**



**Entre Rios e Mares:  
um Património de Ambientes,  
História e Saberes**  
**TOMO V DA REDE BRASPOR**

Editores:

Luís Cancela da Fonseca

Ana Catarina Garcia

Silvia Dias Pereira

Maria Antonieta C. Rodrigues

**Entre Rios e Mares:  
um Património de Ambientes,  
História e Saberes**

**Tomo V da Rede BrasPor**

Rio de Janeiro

2016

Entre Rios e Mares: um Património de Ambientes, História e Saberes / Tomo V da Rede BrasPor

Editores:

Luís Cancela da Fonseca

Ana Catarina Garcia

Silvia Dias Pereira

Maria Antonieta C. Rodrigues

Projeto Gráfico:

Diagramação – Luís Cancela da Fonseca / Ana Catarina Garcia

Capa – Luís Cancela da Fonseca

Fotografias da Capa:

Mértola, vista panorâmica – Rui Cunha (capa)

Criptopórtico, Mértola – Luís Cancela da Fonseca (capa e contracapa)

Impressão e Acabamento: UERJ

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC/C

E61 Entre Rios e Mares: um Património de Ambientes, História e Saberes, Tomo V da Rede BrasPor / Luís Cancela da Fonseca... [et. al]. – Rio de Janeiro: 2016.  
202p. : il.

Bibliografia.

ISBN 978-85-5676-008-1

1. Homem – Influência sobre a natureza. 2. Meio ambiente – Costa – Brasil. 3. Meio ambiente – Costa – Portugal. 4. Recursos aquáticos – Utilização. 5. Assentamentos humanos – Aspectos ambientais – Aspectos culturais. I. Cancela da Fonseca, Luís. II. Garcia, Ana Catarina. III. Pereira, Sílvia Dias. IV. Rodrigues, Maria Antonieta da Conceição. V. Título.

CDU 504(81+469)

# SUMÁRIO

---

COMITÊ DE REVISORES CIENTÍFICOS	5
AGRADECIMENTOS	7
APRESENTAÇÃO	9
PREFÁCIO	11
<b>TEMA I</b>	<b>13</b>
<b><i>ALTERAÇÕES NATURAIS E INDUZIDAS PELO HOMEM - IMPACTOS</i></b>	
<b>CAPÍTULO I</b>	<b>15</b>
AMÉIJOA-JAPONESA, UMA NOVA REALIDADE NO ESTUÁRIO DO RIO TEJO: PESCA E PRESSÃO SOCIAL E IMPACTO SOCIO-ECONÓMICO	
<b>CAPÍTULO II</b>	<b>31</b>
ANELÍDEOS POLIQUETAS COMO ISCO VIVO: CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE DE APANHA EM AMBIENTES SALOBROS COSTEIROS PORTUGUESES	
<b>CAPÍTULO III</b>	<b>45</b>
DE AVEIRO E FIGUEIRA DA FOZ (PT) PARA ARRAIAL DO CABO (BR): INFLUÊNCIA DE TÉCNICAS PORTUGUESAS NA SALICULTURA DA LAGUNA DE ARARUAMA, RIO DE JANEIRO, BRASIL	
<b>CAPÍTULO IV</b>	<b>63</b>
PESCA ARTESANAL COSTEIRA: UM OLHAR DAS INTERAÇÕES SOCIOECONÔMICAS SOBRE ESSA ATIVIDADE NO SUL DA BAHIA, BRASIL	
<b>CAPÍTULO V</b>	<b>79</b>
AS ARTES DA PESCA DA FREGUESIA DA ORTIGA-MAÇÃO (MÉDIO TEJO) PORTUGAL: A MUSEALIZAÇÃO COMO CONTRIBUTO PARA O ENRIQUECIMENTO DAS PAISAGENS CULTURAIS	
<b>CAPÍTULO VI</b>	<b>91</b>
DENTES E TUBÉRCULOS: UM FOCO DE DOMESTICAÇÃO DE PLANTAS NO LITORAL DO RIO DE JANEIRO, BRASIL	
<b>TEMA II</b>	<b>107</b>
<b><i>RESULTADOS DA AÇÃO HUMANA NA MOLDAGEM DE LITORAIS ATUAIS</i></b>	
<b>CAPÍTULO VII</b>	<b>109</b>
ANGRA, FUNCHAL E BAÍA. CONTRIBUTO PARA UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA GÊNESE DOS NOVOS PORTOS ATLÂNTICOS DO IMPÉRIO PORTUGUÊS	

<b>CAPÍTULO VIII</b>	<b>129</b>
ASSOREAMENTO DA PORÇÃO SUL DA ENSEADA DA JAPUÍBA - ANGRA DOS REIS – RIO DE JANEIRO	
<b>CAPÍTULO IX</b>	<b>147</b>
PERCEPÇÃO DA EROÇÃO COSTEIRA NA PRAIA DO ICARAÍ (CUACAIA - CE, BRASIL) USANDO A RESPOSTA COGNITIVA DOS ATORES SOCIAIS	
<b>CAPÍTULO X</b>	<b>163</b>
A COSTA DE SOFALA ENTRE OS SÉCULOS XVI-XVIII: PRESENÇA PORTUGUESA, ALTERAÇÕES AMBIENTAIS E IMPACTOS NA PAISAGEM	
<b>TEMA III</b>	<b>177</b>
<b><i>ESTUDOS DA OCUPAÇÃO HUMANA DOS TERRITÓRIOS</i></b>	
<b>CAPÍTULO XI</b>	<b>179</b>
MÉRTOLA E O GUADIANA. UMA CHARNEIRA ENTRE O MAR E A TERRA	
<b>CAPÍTULO XII</b>	<b>193</b>
CAMINHOS PARA PROTEÇÃO DOS BABAÇUAIS E DOS SEUS DETENTORES CULTURAIS	

## COMITÊ DE REVISORES CIENTÍFICOS

---

- Ana Catarina Garcia (Centro de História d’Aquém e d’Além Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, Portugal)
- Ana Paula Guimarães (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal)
- Ana Ramos Pereira (Instituto de Geografia e Ordenamento do Território e Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, Portugal)
- Antonieta Reis Leite (Centro de História d’Aquém e d’Além Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal)
- Carlos Rios (Arqueologia Subaquática, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil)
- César Andrade (Departamento de Geologia, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e Instituto Don Luiz, Portugal)
- Cláudia Gutterres Vilela (Instituto de Geociências, Departamento de Geologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)
- Egberto Pereira (Faculdade de Geologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
- Emiliano Castro de Oliveira (Departamento de Ciências do Mar - Campus Baixada Santista, Universidade Federal de São Paulo, Brasil)
- Gláucia Malerba Sene (Departamento de Arqueologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
- Hermínio Ismael de Araújo Júnior (Faculdade de Geologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
- Joana Gaspar de Freitas (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa e Centro de História, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal)
- João Alveirinho Dias (Centro de Investigação Marinha e Ambiental, Universidade do Algarve, Faro, Portugal)
- João Pedro da Cunha Ribeiro (Departamento de História da Faculdade de Letras e Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Portugal)
- José Manuel Damião Soares Rodrigues (Departamento de História da Faculdade de Letras e Centro de História da Universidade de Lisboa, Portugal)
- Lená Menezes (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
- Luís Sousa Martins (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, Universidade Nova de Lisboa, Portugal)
- Luiz Oosterbeek (Instituto Politécnico de Tomar, Grupo Quaternário e Pré-História, Centro de Geociências, Universidade de Coimbra e Instituto Terra e Memória, Portugal)
- Marcos Bastos Pereira (Faculdade de Oceanografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)

Maria Antonieta da Conceição Rodrigues (Departamento de Estratigrafia e Paleontologia, Faculdade de Geologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)

Maria da Conceição Freitas (Departamento de Geologia, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e Instituto Don Luiz, Portugal)

Maria Rosário Bastos (Universidade Aberta e Centro de Estudos da População Economia e Sociedade, Porto, Portugal)

Mônica Ferreira da Costa (Departamento de Oceanografia, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil)

Paulo Seda (Departamento de Arqueologia, Laboratório de Estudos e Pesquisas da América Antiga, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)

Paulo Vasconcelos (Instituto Português do Mar e da Atmosfera, Olhão, Portugal)

Tomaz Ponce Dentinho (Departamento de Ciências Agrárias, Universidade dos Açores, Angra do Heroísmo, Portugal)

Ulisses Miranda Azeiteiro (Universidade Aberta - Porto, Portugal)

Vladimir José Luft (Departamento de Arqueologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)

## AGRADECIMENTOS

---

No ano de 2015, nos dias 5 a 8 de Outubro, os membros da Rede BRASPOR e todos aqueles que se lhes quiseram juntar reuniram-se em Mértola, nas margens do Guadiana. Este encontro científico só foi possível graças aos apoios generosos de algumas instituições. Assim, os nossos sinceros agradecimentos à Fundação para a Ciência e Tecnologia, pelo financiamento desta iniciativa (através do IELT, FCSH); e à Câmara Municipal de Mértola, em particular ao Senhor Presidente Paulo Jorge Colaço Rosa, pelo apoio institucional e logístico, determinante para o sucesso do evento. Destacamos a disponibilidade, eficiência e amabilidade dos funcionários da Câmara – em particular Manuel Passinhas - na preparação e acompanhamento do Encontro. Os nossos colegas do Campo Arqueológico de Mértola foram anfitriões excepcionais (como sempre) tratando de todos os pormenores para nos bem receber na sua terra. Os nossos agradecimentos ao Dr. Cláudio Torres e à Dr.<sup>a</sup>. Susana Gómez por todo o trabalho que envolveu esta reunião em Mértola.

Contámos, neste V Encontro da Rede BRASPOR, com o patrocínio de algumas empresas – a Delta Cafés, a Duorum Vinhos SA e a Mútua dos Pescadores - às quais muito agradecemos. Em relação aos nossos patrocinadores é preciso salientar a colaboração do Engenheiro José Maria Soares Franco, da Duorum, que apoiou calorosamente esta iniciativa. E, a Mútua dos Pescadores, em particular o Dr. Adelino Cardoso, Diretor da Ação Cooperativa e Comunicação, e a Dr.<sup>a</sup>. Maria do Céu Baptista,

Conselheira Cultural, que muito contribuiu para a realização deste evento. Para além do apoio financeiro, à Mútua dos Pescadores devemos ainda a disponibilização da Exposição Itinerante “*Celebração da Cultura Marítima*”, que esteve acessível ao público, na sede do Campo Arqueológico de Mértola, durante alguns meses.

A reunião em Mértola, os trabalhos desenvolvidos e a presente edição tiveram ainda o apoio de alguns centros de investigação portugueses, nomeadamente o Instituto de Estudos de Literatura e Tradição – Patrimónios, Artes, Culturas (IELT), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, que assegurou o secretariado do evento; o Centro de Ciências do Mar e do Ambiente (MARE), Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa; o Centro de Estudos Marinhos e Ambientais (CIMA), Universidade do Algarve; o Campo Arqueológico de Mértola; e o Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE). A Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), tal como em anos anteriores, ofereceu suporte para a pesquisa e deslocação de alguns membros brasileiros da Rede.

Para o fim, deixamos um agradecimento especial aos autores e aos revisores científicos deste volume, que contribuíram com os seus trabalhos, críticas e sugestões para tornar possível o lançamento de mais uma obra sob a chancela da Rede BRASPOR.



## APRESENTAÇÃO

9

O V Encontro da Rede BRASPOR realizou-se, em 2015, na vila de Mértola (Portugal). Longe do mar é certo, mas perto do rio, o Guadiana, que durante séculos permitiu o contacto entre a orla litoral e as populações serranas do Algarve e Baixo Alentejo. Mértola foi urbe importante desde tempos remotos graças ao seu porto. Toda a sua história, aliás, é testemunho da relação estreita (e vital) entre as zonas costeiras e as bacias hidrográficas, quer do ponto de vista geográfico, quer económico, social e cultural. Comunidades, rio e mar entrelaçam-se num mesmo espaço híbrido, produto comum da natureza e da sociedade. Um território inspirador e com conexões evidentes às temáticas e a interdisciplinaridade da Rede BRASPOR.

Este livro é resultado do labor coletivo dos membros da Rede e não só, aqui se reúnem alguns dos trabalhos elaborados a partir das comunicações apresentadas e discutidas no V Encontro. O objetivo primeiro destes encontros e das publicações que se lhes seguem é obviamente o de dar mais visibilidade aos estudos efetuados no âmbito da Rede, mas não só. Num momento crucial em que se questiona a pertinência de reuniões que implicam longas deslocações, com custos financeiros e ambientais significativos, que podiam ser substituídas por conferências em online – via Skype -, por exemplo, é preciso destacar a relevância daquelas. Lembrando, para isso, que a BRASPOR é uma rede informal de investigadores – não de instituições – que teve início através de contactos pessoais e da vontade individual de trabalhar em conjunto com outros investigadores, juntando pessoas de distintas áreas para fazer (melhor) ciência. E sendo esta feita por homens e mulheres, estes ainda preferem trocar impressões, partilhar experiências e divulgar conhecimentos, por contacto direto. É que nas reuniões da BRASPOR não se apresentam apenas projetos e trabalhos, mas há um convívio que é fundamental para que se estabelecem as bases de novas ou continuadas parcerias. O que leva a uma

outra questão, uma das mais-valias desta rede, a troca intergeracional e transdisciplinar. É que nela não há barreiras entre professores e alunos, investigadores seniores e investigadores em início de carreira, gente das Ciências ou das Humanas. Porque a diversidade é grande e o tema comum cria-se um ambiente particularmente rico de onde saem novas ideias, parceiros, métodos e abordagens, que depois cada um aproveita, explora e investe no seu trabalho, desenvolvendo-o, melhorando-o. Porque todos se conhecem é possível, num sistema de interajuda, contar com a colaboração de vários especialistas, de áreas distintas, para responder a dúvidas ou discutir questões metodológicas, por exemplo. É mais fácil assim criar equipas internacionais e pluridisciplinares para integrar projetos comuns. Ouve-se muito, em conferências, colóquios e simpósio internacionais, que é preciso integrar as Ciências Sociais e Humanas nos debates relacionados com Ambiente e a Sustentabilidade. Em todos estes espaços de discussão se salienta que o diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento é fundamental para a resolução dos problemas e desafios que se colocam ao futuro da Humanidade. Contudo, são ainda muitos os entraves, até porque a nível académico e das instituições de financiamento tudo se define em função de disciplinas e dos seus campos de saber. Na Rede BRASPOR valorizam-se os contributos que cada um, com os seus conhecimentos específicos, pode trazer para o grupo. A visão plural e holística das questões ambientais é uma realidade no seio desta Rede e a sua continuidade é a maior aspiração dos seus elementos.

Joana Gaspar de Freitas  
Coordenadora Adjunta da Rede Braspor  
Instituto de Estudos de Literatura e Tradição –  
Patrimónios, Artes, Culturas  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade NOVA de Lisboa



Os recursos naturais explorados nas zonas costeiras desde a mais remota antiguidade estão relacionados essencialmente com a alimentação e com o mar como via de comunicação. Assim permaneceu até aos nossos dias, embora, entretanto, tenham surgido outras formas de exploração do litoral, nomeadamente produção de energia, mineração, mas também turismo, deposição e diluição de resíduos, desportos que de natural pouco ou nada têm. Neste contexto, não surpreende que a maior parte dos artigos deste volume esteja directa ou indirectamente relacionada com a exploração de recursos vivos marinhos.

É o caso do artigo de João Ramajal *et al.*, que incide na exploração de moluscos bivalves no estuário do Rio Tejo, com particular ênfase na amêijoa-japonesa a qual, recentemente, teve grande dispersão espacial, e que, devido à quebra de rendimento da atividade de apanha de outros bivalves, apresenta grande aumento do número de apanhadores desse tipo de amêijoa, induzindo, inclusivamente, o uso de novas artes de pesca. Também se relaciona com as actividades pesqueiras o artigo de Pedro Fidalgo e Costa *et al.*, que tem como tema a captura de isco vivo em sedimentos intertidais portugueses, particularmente de anelídeos poliquetas para utilização, quer como isco vivo, quer como suplemento alimentar em actividades de aquacultura, o que constitui importante fonte de rendimento para as populações que vivem junto à costa.

A contínua prossecução de actividades pesqueiras nas zonas costeiras propiciou um assinalável desenvolvimento económico e cultural que, apenas pode ser cabalmente compreendido, tendo em consideração as suas raízes históricas. É nesta linha que Olegário Nelson Azevedo Pereira *et al.*, desenvolveram o seu artigo, focalizado na laguna de Araruama, no Rio de Janeiro, que tenta identificar as origens das actividades de salicultura. Como é evidente, a pesca artesanal tem

especificidades decorrentes dos ambientes económicos regionais, dos aspectos humanos locais e das particularidades ecossistémicas. É neste âmbito que surge o artigo de João Carlos Pádua Andrade *et al.*, que analisa as interações socioeconómicas da pesca artesanal na região sul do Estado da Bahia, identificando vários obstáculos causados pela dinâmica das interações humanas.

Mas o meio fluvial é, também, importante fonte de recursos alimentares. Embora afastado do mar, devido a relações de dependência, as actividades que aqui decorrem são importantes para bem compreender a evolução das zonas costeiras. Pode dizer-se que as actividades pesqueiras no rio Tejo foram importantes desde sempre, tendo contribuído para o desenvolvimento de culturas materiais e imateriais de grande interesse. É neste contexto que se insere o artigo de Luís Mota Figueira *et al.*, que, na freguesia da Ortiga-Mação, no médio Tejo, se debruça sobre as alterações antrópicas que aí ocorreram e condicionaram a paisagem natural, contribuindo para o desenvolvimento da cultura dessas comunidades, que, através do Centro Etnográfico de Ortiga, se tenta agora compreender, resgatar e tornar duradouro, designadamente no que se refere à cultura da produção de barcos e utensílios de pesca.

Todavia, os recursos alimentares das zonas costeiras não se restringem aos marinhos e fluviais. Com frequência, incluem grandes áreas aluvionares que podem ser muito ricas do ponto de vista agrícola. Tal foi percebido desde a antiguidade, pelo que a agricultura nasceu, precisamente, na dependência das aluviões fluviais. Nalguns casos tal verificou-se mesmo em zonas costeiras. É isto que Paulo Seda, apoiado em evidências indirectas, tende a demonstrar assumindo que entre 2.000 e 1.500 anos a.C., já se iniciara o cultivo de tubérculos no litoral do Rio de Janeiro.

Porém, o recurso marinho mais explorado desde a Antiguidade foi o mar, designadamente



# MÉRTOLA E O GUADIANA. UMA CHARNEIRA ENTRE O MAR E A TERRA

Susana Gómez Martínez<sup>1,2</sup> (susanagomez@sapo.pt), Cláudio Torres<sup>1</sup> (torresclaudio@sapo.pt),  
Virgílio Lopes<sup>1</sup> (virgilioamlopes@sapo.pt), Maria de Fátima Palma<sup>1</sup> (tuchapalma@hotmail.com)  
e Miguel Reimão Costa<sup>1,3</sup> (mrcosta@ualg.pt)

<sup>1</sup> Campo Arqueológico de Mértola / CEAACP / Universidade do Algarve; Rua Dr. António José de Almeida, nº 1-3, 7750-353 Mértola, Portugal; <sup>2</sup> Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, Campus de Gambelas, 8005-139 Faro, Portugal; <sup>3</sup> Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade do Algarve, Campus de Gambelas, 8005-139 Faro, Portugal

## RESUMO

O rio Guadiana foi, sem dúvida, o factor determinante do assentamento de Mértola no local que sempre ocupou, desde a pré-história até aos nossos dias, pelas excepcionais condições estratégicas defensivas e de navegação fluvial que lhe proporcionava. A confluência do Guadiana e da ribeira de Oeiras transforma Mértola numa quase ilha, e confere-lhe uma excelente posição defensiva que foi sabiamente complementada por uma sólida fortificação, cuidadosamente respeitada e conservada ao longo de séculos. A partir do rio, a cidade, escalando um cerro abrupto, parece inexpugnável.

O fluxo das marés facilita a navegação até Mértola a embarcações de pequeno e médio porte. Porém, a travessia não era fácil; estava pautada por escolhos que apenas o saber das gentes do rio permitia vencer, na preamar. Uns quilómetros a montante, a cascata do Pulo do Lobo impede a continuação da viagem.

Sendo Mértola o término da navegação fluvial do Guadiana, era inevitável que desempenhasse funções eminentemente comerciais e de articulação do tráfico regional de pessoas e bens. O ordenamento do trânsito fluvial foi, sempre, uma preocupação fulcral dos poderes políticos. Tradicionalmente, a Torre do Rio, construída na Antiguidade Tardia para defender e controlar o porto e o acesso entre este e o interior da cidade, era o limite entre o que era considerado foral do “mar” e o que era considerado foral do “rio”. A Porta da Ribeira e a ponte-barca, que cruzava o rio até à construção da ponte actual em 1961, foram um instrumento de controlo de pessoas e bens e de cobrança de portagens.

Mértola, como ponto de ligação entre as rotas terrestres e marítimo-fluviais, foi palco de trocas comerciais desde tempos remotos. Os produtos desse comércio eram variadíssimos, desde alimentos de primeira necessidade até manufacturas de luxo.

Neste artigo vamos apresentar a importância que o rio adquiriu ao longo dos séculos na evolução histórica da vila considerando as diferentes civilizações e culturas que a partir dele chegaram dos diferentes territórios do Mediterrâneo.

**Palavras Chave** – Mértola, Navegação fluvial; Rotas comerciais; Mar Mediterrâneo.

## Mértola and Guadiana. A hinge between sea and earth

### ABSTRACT

The river was undoubtedly a determining factor in the choice of founding Mértola in the place that it has always occupied from prehistoric times to the present day. This was due to the exceptional conditions for strategic defense and the possibility of river navigation. The meeting point of the rivers Guadiana and Oeiras transforms Mértola into almost an island and gives it an excellent defense position that was wisely complemented by a solid fortification, carefully respected and preserved throughout the centuries. The city appears unconquerable from the river, scaling the abrupt hillside. The tide allows river navigation for small-and med-sized vessels to go as far as Mértola. However, the crossing was not easy; there were outcrops of rocks at various intervals along the way and it was only due to the high tides and people's knowledge of the river that kept them safe. The Pulo do Lobo waterfall, a few kilometers upstream, prevents further travel.

As Mértola was the terminal point of river navigation on the Guadiana, it was inevitable that it took on eminently commercial functions and regional traffic control of both people and goods - the ordering of river traffic always being a central concern for political powers. The River Tower, constructed in the Late Antiquity to defend and control the port and access between this and the inner city, was traditionally the “legal” limit between the “sea” and the “river”. The River Gate and the ferry, which used to cross the river until the present-day bridge was built in 1961, were ways of both controlling people and goods and of collecting tolls. Mértola was the theatre of commercial trade since time immemorial, being the point that linked the maritime – river routes with the overland routes. There was an enormous variety of products traded here, from basic food supplies to luxury goods.

In the present paper we will characterize the

importance the river acquired through the times in the village's historic evolution, considering the different civilizations and cultures that arrived from other Mediterranean regions.

**Keywords** – Mértola, river navigation; commercial trade; Mediterranean Sea.

## MÉRTOLA E O GUADIANA: UMA PERSPECTIVA NO TEMPO LONGO

O rio Guadiana é o mais irregular da Península Ibérica desde a sua nascente, tanto que os especialistas debatem o ponto exacto onde começa (VELA, 2001: 43). Tradicionalmente, aceita-se que nasce nas Lagunas de Ruidera, na província de Ciudad Real (Espanha) para, depois, ocultar-se no subsolo. Este facto invulgar surpreendeu os geógrafos de todas as épocas como testemunha, por exemplo, Abd al-Munim al-Himyari (século XV) no seu Kitab ar-Rawd al-Mitar onde se pode ler “(...) un gran río, que se llama al-Gawr [el río subterráneo] porque, aunque en algunos lugares es tan caudaloso como para que naveguen barcos, en seguida se pierde bajo tierra, hasta el punto que no se descubre una gota de agua. Después, el río continúa su curso, hasta la fortaleza de Mértola y va a desembocar al mar, no lejos de Saltés” (HIMYARI, 1963: 99). Renasce nos “Ojos del Guadiana” e a partir daí, percorre uma distância de 744 km: primeiro em território espanhol; em seguida faz fronteira entre Espanha e Portugal; depois, perto de Mourão entra no território português; volta a ser fronteira a partir da pequena localidade do Pomarão e finalmente desagua no Atlântico, entre Ayamonte e Vila Real de Santo António (Figura 1).

A sua rede hidrográfica é longa mas estreita e, portanto, pouco caudalosa se comparada com os outros grandes rios peninsulares. O seu caudal é muito irregular, dependendo das estações do ano, das escassas chuvas e das frequentes secas que afectam a sua bacia hidrográfica. No seu troço final, ao passar pela região de Mértola, fica fortemente encaixado num vale estreito e sinuoso, facto anormal no percurso habitual de qualquer rio, que origina com frequência fortes e bruscas cheias.

Não podemos entender a história de Mértola sem ter em conta a sua localização nas margens do rio Guadiana. O Guadiana é navegável num percurso de 70 km desde o Algarve até Mértola, aonde ainda se faz sentir o efeito das marés. A montante de Mértola, o salto de água natural do Pulo do Lobo, com uma queda vertical de mais de 13 m, impede a navegação.

O rio foi o factor determinante do assentamento de Mértola no local que sempre ocupou, desde a pré-história até aos nossos dias, pelas excepcionais condições estratégicas, defensivas e de navegação fluvial que lhe proporcionava. A posição privilegiada da cidade está também no facto de ser equidistante de outras cidades igualmente antigas: aproximadamente 120 km de Faro (Ossonoba) e Huelva (Onuba), e 220 km de Sevilha (Hispalis) e Lisboa (Olisipo), ainda que fosse Beja (Pax Iulia) a cidade com a qual mantinha uma mais estreita ligação. Desde a mais remota antiguidade, Mértola era o porto de Beja e, exceptuando curtos períodos de independência efectiva durante a Idade Média, esta foi a capital administrativa da qual Mértola dependia.

Uma confluência de factores faz do esporão rochoso onde se situa Mértola um local privilegiado de povoamento. A abundância de água, as condições defensivas, as facilidades de acesso e comunicação por via fluvial e a proximidade de recursos minerais proporcionaram-lhe uma posição incontornável. Assim, foi ambicionada por diferentes poderes políticos e frequentada por mercadores e viajantes das mais variadas proveniências.



**Figura 1.** Bacia do Guadiana e localização de Mértola.

O fluxo das marés facilita a navegação até Mértola a embarcações de pequeno e médio porte. Porém, o percurso entre a foz e a vila não era fácil; estava pautado por escolhos que apenas o saber das gentes do rio permitia vencer na preamar. Mesmo assim, até ao aparecimento do comboio e o automóvel, era o itinerário mais barato, rápido e

seguro para se ir desde o interior do Alentejo até a costa e daí, aceder a qualquer porto. Nos meses de inverno, quando os temporais dificultavam a navegação no Atlântico, a rota entre Lisboa e o Algarve fazia-se por terra até Mértola (Figura 2) para continuar, depois, pelo rio até à costa.



**183**

**Figura 2.** Mértola e o Guadiana.

A confluência do Guadiana e da ribeira de Oeiras transforma Mértola numa península, e confere-lhe uma excelente posição defensiva que foi sabiamente complementada por uma sólida fortificação, cuidadosamente respeitada e conservada ao longo de séculos. A partir do rio, a cidade, escalando um cerro abrupto, parece inexpugnável. A cota máxima das cheias do rio marca o limite do espaço urbanizado definido pelas muralhas que, muitas vezes, serviram de barreira às águas do Guadiana. Uma segunda muralha, ainda maior mas diluída na paisagem, rodeava o espaço periurbano desde a Idade do Ferro, aconchegando hortas, espaços artesanais e cemitérios.

Sendo Mértola o terminus da navegação fluvial

do Guadiana, era inevitável que desempenhasse funções eminentemente comerciais e de articulação do tráfico regional de pessoas e bens. O ordenamento do trânsito fluvial foi, sempre, uma preocupação fulcral dos poderes políticos. Tradicionalmente, a Torre do Rio, construída na Antiguidade Tardia para defender e controlar o porto e o acesso entre este e o interior da cidade, era o limite entre o “mar” e o “rio”. Este facto pode ver-se explícito no foral dado a Mértola pela Ordem de Santiago em 1254 onde se especifica que se outorga o “foro e costume deuora por terra, e de lixboa pelo riio e pello mar” (VEIGA, 1983: 179-183). A Porta da Ribeira e a ponte-barca, que cruzava o rio até à construção da ponte actual em

1961, foram um instrumento de controlo de pessoas e bens e de cobrança de portagens.

Os produtos desse comércio eram variadíssimos, desde alimentos de primeira necessidade até manufacturas de luxo. Das grandes e férteis planícies em volta de Beja e Serpa, chegava o cereal e, das minas de São Domingos e Aljustrel (a antiga Vipasca) metais da Faixa Piritosa ibérica (ouro, prata e cobre). No sentido inverso, vários produtos afluíam a Mértola, tanto das regiões vizinhas como do tráfego mediterrâneo. O foral outorgado pela Ordem de Santiago a Mértola em 1254 refere especificamente pão, vinho, madeira, carvão, alhos, cebolas, juncos, cortiça, madeira trabalhada e cerâmica (VEIGA, 1983). Porém, a chegada de cerâmica de luxo está documentada desde época pré-romana (ARRUDA, BARROS & LOPES, 1998).



**Figura 3.** Exploração a céu aberto da Mina de São Domingos.

Embora o potencial agrícola da região de Mértola não seja demasiado grande devido à fraca qualidade dos solos, o seu termo tinha recursos importantes para o desenvolvimento do Município. A agricultura extensiva de cereais era complementada com os produtos das pequenas hortas que aproveitavam ao máximo os débeis cursos de água (GÓMEZ, 2013). A criação extensiva de gado, ainda na actualidade, é um dos motores económicos da zona. O rio assegurava, por seu lado, uma boa parte dos recursos básicos: era fonte inesgotável de água, de alimentos e da energia hidráulica que movia azenhas e pisões. Uma das fontes de recursos mais apreciada do território foi a exploração dos filões de mineral que, nalguns pontos

afloravam à superfície nos chamados “chapéus de ferro” (Figura 3), explorados intensivamente desde a antiguidade mas de forma intensiva em época romana e durante os séculos XIX e primeira metade do XX (MASON, 1885; CUSTÓDIO, 1999).

A cosmopolita cidade do Guadiana tinha um vasto termo rural, marcado por uma topografia de transição entre a planície alentejana e a serra algarvia, protagonista de práticas agrícolas ancestrais. As pequenas hortas periurbanas abasteciam as populações de produtos frescos do dia-a-dia. À volta, os extensos campos de cereal conviviam com grandes rebanhos de ovelhas e cabras. Nas orlas do território das povoações, as matas completavam as necessidades da comunidade: lenha, madeira, caça e produtos silvestres como cogumelos e setas, túberas, ervas e plantas medicinais (GÓMEZ, 2013). As horas vagas eram preenchidas com actividades artesanais que forneciam manufacturas de primeira necessidade. Os ciclos da lã, do linho, do pão e do queijo entrecruzavam-se com os ciclos do campo pautando o calendário rural.

Crenças e cultos marcavam o quotidiano dos habitantes das margens do Guadiana. Pelo rio vieram cultos orientais que antecederam as doutrinas cristãs. Na Antiguidade Tardia, um cristianismo rico encheu de ostentosos mausoléus e basílicas uma cidade onde também se rezava em grego (LOPES, 2014). Os credos monoteístas de judeus, cristãos e muçulmanos, ora conviviam, ora se excluíam, ressacralizando espaços que sempre estiveram conotados com o divino, como a Igreja Matriz, antiga Mesquita de Mértola (MACIAS *et alii*, 2011). As cerimónias sagradas e sacramentais, pautavam os rituais de passagem das gentes. O uso de amuletos e talismãs e a intercessão de santos milagreiros, crenças que outros credos classificarão de superstições, estavam presentes no dia-a-dia da comunidade (BOIÇA, 1998).

A veneração dos defuntos levava as pessoas a enterrar os seres queridos em locais que facilitassem o acesso à Vida Eterna. A arqueologia trouxe à luz vários cemitérios em Mértola (CANDÓN, 1999; LE BARS, 2005; LOPES, 2009; RODRIGUES, PALMA & ROMBA, 2015). Na necrópole mais antiga, do século I da nossa era, as cinzas dos defuntos repousavam em fossas circulares, por vezes protegidas por urnas de

cerâmica ou de vidro. Mais tarde, por volta do século III, a incineração deu lugar ao costume, também pagão, de enterrar os mortos em fossas junto com objectos de forte valor simbólico que acompanhassem o defunto na sua passagem à outra vida. O cristianismo mudou a orientação das sepulturas para que, aquando da Ressurreição dos Mortos, os fiéis não tivessem dúvidas de como se dirigir para o Oriente. A religião muçulmana introduziu novos rituais funerários: o cadáver, apenas envolvido num sudário, era enterrado numa fossa estreita, encostado sobre o seu lado direito, com o rosto olhando para a Meca. O novo cristianismo vindo do Norte trouxe uma mudança radical nas práticas funerárias e, pela primeira vez, o cemitério penetrou dentro das muralhas da cidade, rodeando a antiga Mesquita, já transformada em Igreja Matriz. Só no século XXI, a cidade dos vivos e a cidade dos mortos voltaram a ficar separadas.

### AS ORIGENS DE MÉRTOLA

Pouco sabemos das origens concretas de Mértola. A constatação da grande antiguidade da cidade, ainda hoje difícil de determinar, levou os eruditos de todas as épocas a imaginar míticas fundações, rodeadas de personagens legendárias. Assim, por exemplo, o prior de Mértola Bento José Sevilha de Leiria em 1758, respondia deste modo aos Inquéritos Paroquiais: “[Mertola] foi fundada pelos de Tiro há dois mil e setenta e seis anos na Era vulgar, quando Alexandre Magno os obrigou a confederarem-se na Lusitânia, e lhe pusseram o nome de Mirtire, aliás Tiro Nova” (BOIÇA & BARROS, 1995: 68).

Ao certo, a arqueologia permite assegurar que já na Idade do Ferro existia um povoado fortificado no promontório rochoso que ainda hoje ocupa, como o testemunham as muralhas da cidade que se sobrepõem umas às outras, até aos nossos dias (Figura 4), e que remontam pelo menos ao século V a.C. (PALMA, 2009).

Conhecemos também uma outra linha de muralhas, muito maior, que remonta ao mesmo período e que encerraria uma vasta área periurbana onde concentrar pessoas e gados em épocas de ameaça externa. Trata-se duma muralha de cinco metros de largura, aproximadamente, que segue as

cumeadas dos montes vizinhos num perímetro aproximado de 4 km (HOURCADE, LOPES & LABARTHE, 2003). Até 1979 conservava-se uma das portas deste grande recinto localizada no Cerro do Furadouro. Desta época, conserva-se uma lápide gravada com a chamada “escrita do sudoeste”, um alfabeto local, numa língua pré-romana, que podemos datar, grosso modo, entre os séculos VII e V a.C. (FARIA, 1994). Nas escavações foram também encontrados objectos de influência grega e cartaginesa (BARROS, 2008), certamente fruto do comércio propiciado pela navegação fluvial, pois não há provas de uma presença política ou militar helénica ou púnica.



**Figura 4.** Sobreposição de muralhas nas escavações da Biblioteca Municipal de Mértola.

O nome da cidade para os romanos era Myrtilis. A ocupação romana da cidade deu-se durante a primeira metade do século II a.C. Durante o período romano, Mértola foi o porto da capital do conventus, Pax Iulia, a actual Beja. Conservam-se

inúmeros vestígios desta época: estátuas e decoração arquitectónica em mármore, moedas, diversos objectos em bronze, ferro, osso, cerâmica e vidro. Muitos deles eram originários de outras regiões do Império, testemunhando a importância de Myrtilis como entreposto comercial (LOPES, 2012).

Pouco sabemos da topografia da antiga urbe romana, ocultada pelas construções posteriores. As muralhas da Idade do Ferro foram reutilizadas e reforçadas. A acrópole da cidade estaria situada no espaço que medeia entre o Castelo e a Igreja Matriz, onde pode ter existido um antigo templo de culto imperial (MACIAS *et alii*, 2011).

186



Figura 5. Torre do Rio.

Junto do troço norte da muralha da Vila Velha, localizou-se uma necrópole de incineração do século I d.C.. Nela, as cinzas dos defuntos eram depositadas em pequenas fossas, em alguns casos dentro de urnas funerárias de cerâmica ou vidro (LOPES, 2009). A partir do século III d.C. os rituais da morte mudaram e a inumação dos corpos substituiu a cremação. Estas práticas foram reformuladas com o triunfo do Cristianismo que deixara em Mértola

vestígios monumentais.

## O TRIUNFO DO CRISTIANISMO MEDITERRÂNEO

Na Antiguidade Tardia, entre os séculos V e VII, sob os desígnios do Cristianismo, a cidade ganhou um brilho singular. Uma monumental torre (Figura 5) foi construída no rio para defender e controlar o porto e o trânsito de mercadorias (GÓMEZ & LOPES, 2008). Manufaturas de todo o Mediterrâneo abasteciam as luxuosas *villae* do Alentejo que, em troca, exportavam cereais, azeite e vinho. Também nessa época, as muralhas da Vila Velha foram reforçadas com uma sólida muralha que criou um criptopórtico ou galeria subterrânea, mais tarde transformada em cisterna. Sobre a acrópole romana, foi construído um enorme complexo religioso, talvez um palácio episcopal, com uma basílica, dois enormes baptistérios e uma nave porticada sobre a muralha da cidade (LOPES, 2014). A riqueza da Igreja desta altura fica bem patente no luxo dos materiais utilizados: placas de mármore forrando os baptistérios, pinturas murais com temas cristãos, mosaicos policromos nos pavimentos, etc. Vestígios de uma outra igreja, que podemos datar do século VI d.C., foram encontrados sob os alicerces da actual igreja matriz, a antiga mesquita (MACIAS *et alii*, 2011). Uma grande necrópole estendia-se ao norte da cidade, com duas basílicas funerárias, a do Rossio do Carmo e a da Rua Dr. Afonso Costa (LOPES, 2014). Ligeiramente afastada desta última, encontramos um monumental Mausoléu (LOPES & GÓMEZ, 2008).

## A REORGANIZAÇÃO DOS LAÇOS COM O MEDITERRÂNEO

Durante o século VII a cidade decaiu ao mesmo ritmo que decaía o comércio mediterrâneo e a navegação pelo Guadiana. A chegada de algumas tropas por volta de 713 e sobretudo um vasto processo de conversões ao Islão, pouco alterou os ritmos dos habitantes de Mértola. Em finais do século IX, Mértola começou a dar sinais de revitalização. Ibn al-Jawad, vassalo do independentista Ibn Marwan al-Jilliqi, controlava o

território à revelia do emir ‘Abd Allah, e realizou importantes obras de construção no Castelo (GÓMEZ, 2014). As fontes árabes, desde al-Razi, no século X, descreviam Mértola como um poderoso hisn, um castelo, dependente de Beja. Já no século IX seria uma fortificação imponente. Nesta época, a porta principal estaria formada por uma entrada directa flanqueada por duas torres. No seu interior, foram instaladas várias vivendas onde moraria a elite militar da cidade (PALMA & GÓMEZ, 2013).

Durante o califado, a cidade adquiriu um notável desenvolvimento que trouxe ao seu porto mercadorias de outros territórios do al-Andalus, especialmente da capital, Córdoba, e da cidade palatina criada pelo califa Abd al-Rahman III, Madinat al-Zahra. Por volta do ano 1020, Ibn Tayfur proclamou um reino de taifa independente em Mértola que não durou muito, sendo absorvido pela taifa sevilhana de Almutadid em 1044. Pouco mais tarde, o rei de Sevilha, al-Mutamid, nomeia o seu filho, al-Radique, como governador de Mértola até a chegada dos almorávidas na década de 80 do século XI (GÓMEZ, 2014).



**Figura 6.** Barco gravado numa laje do Arrabalde Ribeirinho de Mértola.

A importância do porto de Mértola continuou a crescer durante o século XII. Desta época data um arrabalde ribeirinho onde se desenvolviam as principais actividades relacionadas com o rio (LOPES, GÓMEZ & RAFAEL, 2012). Entre os vestígios deste arrabalde encontraram-se objectos relacionados com a pesca, com a construção naval e outras actividades quotidianas das populações ribeirinhas. Um dos habitantes do bairro desenhou,

numa das lajes de pavimento do pátio de uma casa, um esboço dos barcos que sulcariam as águas do Guadiana (Figura 6). Segundo fontes escritas, a meados do século XII, os seguidores do sufi Ibn Qasi utilizaram o arrabalde como base para tomar a cidade (IBN AL-JATIB, 1983). Ibn Qasi proclamou-se mahdi, chefe espiritual e religioso, e fez de Mértola a capital de um reino independente que também não durou muito tempo (DREHER, 1988; GOULART, 1992). Após diversas peripécias, Mértola foi tomada, finalmente, pelos almóadas em 1157 (KHAWLI, 2001).

Mértola atinge uma posição geopolítica de destaque sob o domínio dos almóadas. A progressiva proximidade da fronteira com o reino de Portugal, fez de Mértola local de refúgio para os refugiados do norte do Gharb al-Andalus até a conquista cristã em 1238. Em época almóada, na segunda metade do século XII, num espaço sempre conotado com o sagrado, foi construída uma mesquita sobre as ruínas de uma antiga igreja paleocristã entretanto adaptada ao culto muçulmano. A mesquita, transformada em Igreja Matriz após a conquista cristã, ainda hoje conserva as quatro paredes originais, o mihrab, o nicho orientado para Meca, para onde os muçulmanos dirigem as suas orações, e quatro das suas portas em arco de ferradura (MACIAS *et alii*, 2011). Também nessa altura foram feitas obras no Castelo que foi reforçado com uma imponente porta em cotovelo (PALMA & GÓMEZ, 2013). Em época almóada, sobre o antigo complexo religioso paleocristão, foi também construído um novo bairro com várias dezenas de habitações com o seu bem planeado sistema de saneamento (MACIAS, 2006). Estas casas, tal como outras do interior do Castelo ou no Arrabalde, apenas abriam para o interior, a fim de preservar a intimidade do lar, como era tradição mediterrânea. Depois de atravessado um átrio que separava o espaço público do privado, entrávamos num pátio, com um tanque ou canteiro central, que articulava todos os compartimentos da casa. No salão principal, num dos topos, situava-se a alcova do chefe da família; a cozinha dividia-se habitualmente entre uma dispensa e um outro compartimento para a lareira. Havia sempre uma latrina e, por vezes outras salas de usos complementares. As casas, na sua maioria, modestas, foram construídas com muros de taipa e

embasamentos de alvenaria. Tabiques de adobe dividiam os espaços interiores. As coberturas eram em telha de meia cana. Os pavimentos podiam ser

lajeados, em tijoleira, ou também em argamassa pigmentada com óxido de ferro.



Figura 7. Conjunto de cerâmicas importadas do século XII.

Durante as dinastias africanas almorávidas e almóadas, Mértola recebeu os produtos de maior luxo e prestígio que circulavam pelo Mediterrâneo Ocidental: peças revestidas de placas de osso finamente trabalhado, vasilhas de bronze, vidro dourado, cerâmicas profusamente ornamentadas (Figura 7), etc. (GÓMEZ, 2014). Algumas destas peças foram também fabricadas em Mértola: em finais do século XII ou na primeira metade do XIII funcionou no bairro da Alcáçova uma oficina de ourivesaria onde, entre outros metais preciosos, era trabalhada a prata (SILVA, 1992).

### A RURALIZAÇÃO VINDA DO NORTE

Em 1238, Mértola foi conquistada pela Ordem Militar de Santiago, encabeçada por Dom Paio Peres Correia. A tomada da cidade foi fundamental para consolidar a expansão do reino de Portugal no Alentejo e abrir caminho para a conquista do Algarve (GARCIA, 1989: 910-911). A conquista cristã provocou uma ruptura com a Mértola Islâmica. O sistema socioeconómico dominante modificou-se. Os elos comerciais de Mértola com o Mediterrâneo cortaram-se e o tráfego de mercadorias que fluía pelo rio ficou reduzido ao comércio local. Mértola e o seu território foram doados em 1239 pelo rei Sancho II à Ordem de Santiago que instalou no Castelo a sua sede conventual e fez das comendas de Mértola e Alcaria Ruiva uma fonte fundamental de recursos para as suas actividades políticas e

militares. A comenda-mor de Mértola era a mais rentável da Ordem devido, em grande parte, ao rio e às rendas e taxas que extraía do movimento do porto, das azenhas, da pesca e da passagem entre as duas margens. Também a agricultura e a pastorícia proporcionavam importantes lucros, ora através da exploração directa dos bens da Ordem, ora pela cobrança de portagens e da dízima sobre a produção. Este sistema feudal foi-se modificando com o tempo, até que, em 1759, os bens da Ordem em Mértola foram integrados na Casa de Bragança e muitas das suas competências passaram para o poder municipal. A Ordem de Santiago foi responsável por profundas modificações no Castelo de Mértola. O comendador-mor D. João Fernandes ordenou a reconstrução do Castelo (Figura 8), onde se destaca a imponente Torre de Menagem, concluída em 1292 (BOIÇA & BARROS, 2013).

Não temos informação da evolução do castelo até finais do século XV, quando este recebeu novas obras destinadas a protegê-lo de ataques com artilharia. A Porta Falsa foi protegida com um baluarte e são construídos antemuros para reforçar as muralhas da vila. O alcaide-mor de então, Francisco de Góis, ergueu no interior do Castelo a alcaidaria, um grande palácio residencial. Também se encontravam na praça de armas casas para alojamento da guarnição, a cozinha colectiva, as cavalariças, a casa da guarda e, no centro da praça, a cisterna (BOIÇA & BARROS, 2013).

Junto da nova ordem socioeconómica, um novo cristianismo, de matriz cluniacense, instalou-

se na região. Lentamente, articula-se uma rede de paróquias que utilizam com frequência ermidas localizadas em espaços marcados por memórias mais antigas como a Ermida de Nossa Senhora do

Amparo, originalmente dedicada ao culto paleocristão de São Brissos, ou a pequena igreja de São Bartolomeu (BOIÇA, 1998).



**189**

**Figura 8.** Castelo de Mértola com destaque para a Torre de Menagem do século XIII.

Entre os séculos XIII e XVIII, afastada das principais rotas comerciais do mundo moderno, em que esporadicamente serve de porto mineiro, Mértola recolheu-se no seu território rural, seguindo ritmos ancestrais marcados pelos ciclos das actividades agrícolas. Embora o potencial agrícola da região de Mértola não seja demasiado grande devido à fraca qualidade dos solos, o seu termo tinha recursos importantes para o desenvolvimento do Município. O rio assegurava uma boa parte dos recursos básicos: era fonte inesgotável de água, de alimentos e da energia hidráulica que movia azenhas e pisões. As pequenas hortas periurbanas abasteciam a população de produtos frescos. À volta, os

extensos campos de cereal conviviam com grandes rebanhos de ovelhas e cabras. Mais além dos terrenos de sequeiro, as matas completavam as necessidades da comunidade proporcionando lenha, madeira, caça e produtos silvestres como cogumelos, túberas, ervas e plantas aromáticas e medicinais. As horas vagas eram preenchidas com actividades artesanais que forneciam manufacturas de primeira necessidade. Os ciclos da lã, do linho, do pão e do queijo entrecruzavam-se com os ciclos do campo, pautando o calendário rural.

Só em meados do século XIX, a empresa inglesa Mason & Barry desenvolveu a exploração intensiva dos recursos mineiros na vizinha aldeia de

São Domingos. O Guadiana voltou a ser protagonista dos destinos de Mértola. Uma linha de comboio transportava o minério até ao porto do Pomarão e deste partia em grandes cargueiros para a Inglaterra. A mina deixou de ser rentável em meados

do século XX, e foi abandonada em 1966 ficando apenas uma paisagem desolada de crateras e ruínas (Figura 9), fruto da exploração do minério a céu aberto e de instalações fabris a degradar-se (CUSTÓDIO, 1999).



**Figura 9.** Ruínas das instalações da Mina de São Domingos.

Após o abandono da mina, a região sofreu uma forte degradação económica, a qual se une a um progressivo abandono do rio como fonte de recursos piscatórios e como via de comunicação devido ao desenvolvimento da rede de estradas e dos transportes terrestres. Finalmente, em 1961, é concluída a tão desejada ponte sobre o Guadiana facilitando a comunicação ente ambas as margens do rio. O papel de Mértola como ponto de passagem e paragem incontornável nas comunicações dos territórios a volta do Baixo Guadiana ficou definitivamente comprometido. O progresso dos meios de transporte terrestres e a conseqüente perda

de importância da navegação fluvial afastaram Mértola do seu rio e privaram-na dos recursos que essa posição estratégica sempre lhe proporcionou. Sem dinheiro para novas construções mais “modernas”, a Vila Velha de Mértola manteve as suas ruas estreitas e cingidas às curvas de nível, conservou as suas casas de taipa e as suas muralhas monumentais, guardou no seu subsolo tesouros antigos que a arqueologia, lentamente recupera, cuidadosamente restaura e com orgulho exhibe nos mais de 14 núcleos de que se compõe o Museu de Mértola.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, A. M.; BARROS, P. & LOPES, V. 1998. Cerâmicas áticas de Mértola. *Conimbriga*, 37: 121-149. Coimbra.
- BARROS, P. 2008. Mértola durante os séculos VI e V a. C.. In SIDEREUM ANA I. *El río Guadiana en época post-orientalizante*, Anejos de Archivo Español de Arqueología XLVI. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, CSIC. p. 399-414.
- BOIÇA, J. M. 1998. *Imaginária de Mértola, tempos, espaços, representações*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- BOIÇA, J. & BARROS, F. 1995. *As Terras As Serras Os Rios. As memórias paroquiais de 1758 do Concelho de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. Coleção Estudos e fontes para a História Local, nº 1, 131pp.
- BOIÇA, J. & BARROS, F. 2013. *O Castelo de Mértola. História, Espaço e Formas, sécs. XIII-XXI*. Mértola: Câmara Municipal de Mértola.
- CANDÓN, A. 1999. La colección antropológica del Campo Arqueológico de Mértola (s. II-XVI). Reconstruir la sociedad y los modos de vida a partir del registro funerário. *Arqueologia Medieval*, 6: 277-292.
- CUSTÓDIO, J. 1999. Documentos para a história da Mina de S. Domingos — O relatório do Geólogo Carlos Ribeiro. *Arqueologia Medieval*, 6: 255-265.
- DREHER, J. 1988. L'Imâmat d'Ibn Qasî à Mértola (automne 1144 - été 1145). Légitimité d'une domination soufie?. *Mélanges du Institut Dominicain d'Études Orientales du Caire (MIDEO)*, 18: 195-210.
- FARIA, A. 1994. Uma inscrição em caracteres do sudoeste achada em Mértola. *Vipasca*, 3: 61-63.
- GARCIA, J. C. 1989. Alfajar de Pena. Reconquista e repovoamento no Andévalo do século XIII. In: *Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval. III*: 907-925. Porto: Centro de História da Universidade do Porto.
- GÓMEZ, S. 2013. Hortas medievais em Mértola. In: *Tá na Horta*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. p. 10-26.
- GÓMEZ, S. 2014. *Cerâmica Islâmica de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. 423 pp.
- GÓMEZ, S. & LOPES, V. 2008. La Torre del Río de Mértola. Una estructura portuaria tardorromana. In: *Strutture e insediamenti antichi e medievali funzionali alla viabilità commerciale terrestre e marítima*. Atti del Convegno. Roma, 4 Aprile 2008. Roma: Pieraldo Edicione. p. 15-25 + Tav. I-VII.
- GOULART, A. 1992. Ibn Qasi, rei de Mértola e Mahdi luso-muçulmano. *Arqueologia Medieval*. 1: 209-216.
- HIMYARI. 1963. *Rawd al-mi'tar fi habar al-aqtar* de Abu Abd -Allah Muhammad 'Abd al-Mu'min al-Himyari. Edición, traducción e índices de M<sup>a</sup> Pilar Maestro González. Valencia: Editorial Anúbar. 441 pp.
- HOURCADE, D.; LOPES, V. & LABARTHE, J.-M. 2003. Mértola: la muraille de l'Âge du Fer. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6(1): 175-210.
- IBN AL-JATIB 1983. *Kitab a'mal al-a'lam. Parte 3<sup>a</sup> Historia medieval del Norte de África y Sicilia*. Traducción, notas e índices por Rafaela Castrillo. Madrid: Instituto Hispano-Árabe de Cultura.
- KHAWLI, A. 2001. Le Garb al-Andalus à l'époque des secondes taifas (539-552/1144-1157). *Arqueologia Medieval*, 7: 23-35.
- LE BARS, D. 2005. Etude archéo-anthropologique de la nécropole musulmane de Rossio do Carmo, Mértola: bilan des fouilles anciennes (1981-1990). *Arqueologia Medieval*, 9: 233-259.
- LOPES, V. 2009. As necrópoles de Mértola no mundo romano até à Antiguidade Tardia. In: *Morir en el Mediterráneo Medieval*. Oxford: British Archeological Report. p. 31-58. URI: <http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/1755>.
- LOPES, V. 2012. *Museu de Mértola. Casa Romana*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- LOPES, V. 2014. *Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia (Séculos IV-VIII)*. Tesis doctoral. Huelva: Universidad de Huelva. Consultado el 3 de septiembre de 2014; disponible en <http://hdl.handle.net/10272/8053>.

- LOPES, V. & GÓMEZ, S. 2008. O mausoléu da Antiguidade Tardia em Mértola. In O Mosaico na Antiguidade Tardia. *Revista de História da Arte*, 6: 279-279. Lisboa: Instituto de História da Arte da UNL.
- LOPES, V.; GÓMEZ, S. & RAFAEL, L. 2012. *Museu de Mértola. Arrabalde Ribeirinho*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- MACIAS, S. 2006. *Mértola, o último porto do Mediterrâneo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- MACIAS S.; TORRES, C.; BOIÇA, J.; BARROS, M. F. & GÓMEZ, S. 2011. *Mesquita – Igreja de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. 108 pp.
- MASON, J. 1865. Catálogo dos objectos pertencentes à Mina de S. Domingos exibidos na Exposição Internacional do Porto em 1865. Lisboa.
- PALMA, M. F. 2009. *Arqueologia urbana na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal): contributos para a história local*. Huelva. Dissertação de mestrado em Arqueologia e Património apresentada à Univ. de Huelva.
- PALMA, M. F. & GÓMEZ, S. 2013. O Castelo de Mértola em Época Islâmica. In: *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb - Séculos VI a XVI*. Lisboa: Edições Colibri - Campo Arqueológico de Mértola.
- RODRIGUES, C.; PALMA, M. F. & ROMBA, N. 2015. A Necrópole Medieval e Moderna de Mértola: Arqueologia Funerária. In *Actas do VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*: 1161-1173. Aroche.
- SILVA, L. 1992. O cadinho de ourives de prata do silo nº 5 de Mértola - proposta de análise. *Arqueologia Medieval*, 1: 35-38.
- VELA, A. 2001. *Desarrollo de un modelo de balance de agua en los suelos de Castilla-La Mancha sobre un sistema de información geográfica: condiciones de aplicación y limitaciones*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha. 300 pp.
- VEIGA, S. Ph. E. 1983. *Memórias das Antiguidades de Mértola*. Edição fac-similada de 1880. Lisboa / Mértola: Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Câmara Municipal de Mértola